TL 4886

Entrevista de Konis Santana aos órgãos de informação portuguesa

Timor Leste, aos 15 de Novembro de 1993, entrevista concedida pelos órgãos de informação portuguesa à Resistência Armada em Timor-Leste.

1ª pergunta: Porque motivos e por quem foi escolhido para suceder a Xanana Gusmão e Ma'Huno na liderança da Resistência?

Qualquer estrutura definida busca a materialização de um dado pensamento estratégico definido, de uma dada estratégia traçada cuja realização, requer para além de outros factores, a capacidade do elemento humano nela integrado. Esta, actuando nas condições específicas da nossa luta como elemento determinante para o sucesso da mesma. Sempre foi e sempre continuará sendo nossa convicção de que a capacidade subjectiva do elemento humano é factor decisivo para o sucesso da nossa luta, pela capacidade de ultrapassar sempre o inimigo em pensamento por um palmo.

Todavia, as realidades vividas no plano interno após a captura sucessiva dos nossos líderes máximos, os mais intelectualmente preparados e experimentados, nomeadamente os companheiros Xanana Gusmão e Ma'Huno, realidade essa traduzida nas extremas limitações teóricas e culturais - devo informar que todos os membros da direcção actual da frente armada possuem apenas o ciclo preparatório do ensino secundário. Essas realidades impuseram-nos a necessidade de tomarmos medidas corajosas para ultrapassarmos esta grave crise que atravessa a nossa Resistência. A passagem da liderança máxima do CNRM ao Dr. Ramos Horta estava em função a essa realidade além de outros factores. Aliás, a passagem da liderança máxima ao Dr. Ramos Horta tinha sido apresentada em forma de proposta logo após a captura do comandante Xanana Gusmão pelos meus dois companheiros (????), então sub-chefe do Estado Maior das Falintil e hoje chefe do Estado Maior, e (?????) vice-secretário da comissão directiva da FRETILIN. Com a captura do companheiro Ma'Huno, essa proposta valeu como decisão pois as realidades específicas decorrentes desta situação aconselhavam isso para além de que sempre vínhamos depositando no companheiro Ramos Horta total confiança. Era, portanto, uma decisão consensual da Resistência, melhor dito, era uma decisão colectiva da Direcção da Resistência Armada eleger o Dr. Ramos Horta para liderar a Resistência assumindo as funções de líder máximo do CNRM.

2ª pergunta: Como encara a recusa de Ramos Horta em assumir a liderança interna e externa da Resistência? De que forma foi resolvida esta questão?

As dificuldades de comunicação vividas até aqui entre a Direcção no interior da Pátria e a direcção externa da resistência colocaram-nos na ignorância das ideias avançadas pelo companheiro Ramos Horta sobre a sua não aceitação e no tocante também às ideias avançadas pelo mesmo, como contributo para resolver a questão, isto é, a ideia da formação da troika directiva ou a presidência da troika do CNRM. Na verdade, lamentamos imenso que o companheiro Ramos Horta se tivesse recusado a assumir a liderança máxima do CNRM. Todavia, devemos também reconhecer que é uma posição que merece toda a nossa admiração e o nosso elogio. Mais uma vez o companheiro

Ramos Horta manifestou ser um líder integro, honesto, responsável e fiel aos seus ideais, às suas convicções, qualidades que apreciamos com orgulho (e que fazem dele) e que fazem reforçar cada vez mais a nossa confiança nele. Portanto, não foi uma fuga de responsabilidades por parte do companheiro Ramos Horta ou uma rejeição, uma simples rejeição por rejeição. Não. Sempre foi convicção do Dr. Ramos Horta de que a liderança máxima tem que situar-se no interior da Pátria. Ao fazer a proposta da presidência da troika ou à direcção colectiva, à presidência colectiva do CNRM da qual fazem parte as 3 componentes da Resistência: a Frente Armada, a Frente Clandestina e a Frente político-diplomática, o Dr. Ramos Horta encontrou solução para o grave problema que afecta a Direcção da Luta. A direcção máxima, segundo a proposta apresentada, ou a ideia avançada, pelo companheiro Ramos Horta, é assumida colectivamente pelas 3 componentes da Resistência e nós julgamos, nós pensamos e nós concordamos que é esta a forma mais adequada de respondermos à actual situação, porque esta forma de estruturar a Resistência é a que está mais próxima das realidades actuais da nossa Luta. As 3 componentes da nossa luta, as 3 frentes da nossa Resistência, a frente armada, a frente político-clandestina e a frente diplomática são uma realidade da nossa luta que não pode divorciar-se. Por outro lado, e julgamos ser o mais importante, sempre foi convicção nossa de que qualquer estrutura definida não é uma obra acabada, não é uma obra perfeita. Antes pelo contrário, ela estrutura, busca objectividade na sua aplicação prática à realidade pelo que a sua não correspondência deve merecer críticas e correcções, deve requerer reajustes e modificações, globais ou parciais, para ser uma estrutura capaz, dinâmica e combativa. Portanto, volto a repetir, que qualquer estrutura definida busca a materialização de um dado pensamento estratégico definido, de uma dada estratégia traçada cuja realização requer, além de outros factores, a capacidade subjectiva do elemento humano nele integrado. Esta actuando nas condições específicas da nossa resistência, da resistência do nosso povo, nas actuais circunstâncias em que se desenrola a resistência maubere, como um elemento determinante para o sucesso da mesma, pelo que a escolha selectiva dos membros componentes da direcção, pelo aproveitamento integral das suas capacidades subjectivas, constitui um factor muito importante que deve ter-se em conta. Ao optarmos pela formação da presidência colectiva da direcção da Resistência timorense encontrámos a solução mais adequada para o grave problema que afecta a direcção interna da Resistência e para toda a Resistência no seu conjunto pois, para além de superar as fraquezas da direcção interna, evita, por outro lado, no futuro, vazios de poder, vazios de direcção como aconteceu nesses últimos tempos com a captura sucessiva dos nossos líderes máximos, não só, mas retrata a verdadeira imagem da resistência timorense ao abarcar todas as componentes da nossa luta.

3ª pergunta: Nos últimos meses têm sido poucas as notícias sobre as acções armadas da Resistência contra as forças indonésias. Que acções militares foram feitas?

A pergunta, pretende confirmar ou não a propaganda inimiga sobre a incapacidade das Falintil em realizar mais operações militares como consequência da captura sucessiva dos seus comandantes, dos seus líderes máximos, captura essa que enfraqueceu, segundo os indonésios, militarmente a guerrilha pela rendição e captura de muitos guerrilheiros pelo inimigo.

Em 1º lugar devo esclarecer que nas difíceis condições em que actuam os guerrilheiros nas montanhas da Pátria, garantir a sobrevivência, garantir a sua sobrevivência, é em si mesma uma acção já importantíssima, uma vitória já

importantíssima sobre o inimigo. Em 2º lugar as Falintil actuam segundo um planeamento de operações, por isso mesmo há períodos de combate e períodos de repouso. (Em tempos de combate, digo,) Nos períodos de repouso as Falintil procuram fazer a avaliação da situação, o balanço das suas operações militares e procuram. por outro lado, adaptar-se às novas realidades que emergem. Além disso nos períodos de repouso ou nos períodos em que não há operações militares as Falintil procuram organizar e mobilizar o povo de Timor Leste para a luta. A tarefa de organização e mobilização das massas populares na luta constitui o factor político mobilizador das Falintil. Portanto, nestes períodos de repouso, as Falintil, os guerrilheiros, procuram evitar ao máximo os combates, com excepção à defesa aos ataques do inimigo. Mas apesar disso, apesar do período de repouso, nestes últimos tempos, as Falintil, os guerrilheiros, sempre procuraram dar combate às forças inimigas. Dos vários combates que se têm realizado um pouco por toda a parte, em todo o território nacional, vou procurar sumariamente apresentar alguns.

Aqui na Ponta Leste, em 2 de Agosto de 1993, nas áreas de Lu???, numa emboscada realizada pelos guerrilheiros, foram abatidos 8 soldados indonésios e capturadas 8 M16. Em 7 de Agosto em retaliação à acção da primeira unidade em Lu?? o inimigo operou sobre toda a área de Lu?? e A???. Em V????, áreas de Laudere?? os guerrilheiros abateram, numa acção de flagelação contra uma frente do batalhão 507, 4 soldados indonésios deste batalhão. Em 9 de Setembro numa acção de flagelação nas áreas de ???? foi abatido um soldado indonésio. Em 10 do mesmo mês em plena operação do ocupante na zona de guerrilha os guerrilheiros do leste emboscaram uma frente do inimigo nas áreas de ???? do suco de C??? do posto de M???? do concelho de Lospalos onde conseguiram matar vários soldados indonésios e capturar duas armas M16 e todos os seus acessórios. Dois dias depois da emboscada dos guerrilheiros, portanto em 12 do mesmo mês, os guerrilheiros fizeram uma flagelação a uma frente do inimigo a oeste do posto de ???? quando este ia reforçar o efectivo em operações nas áreas de ????, portanto zonas situadas entre M??? e a estrada da missão F??? a norte virada para o litoral. Nesta acção de flagelação os guerrilheiros conseguiram matar 3 soldados indonésios mas não conseguiram capturar as suas armas. Outros 3 soldados indonésios ficaram gravemente feridos. Em 16 de Setembro, na estrada de Muro-Lospalos, na curva muito conhecida por S (curva santa) foi abatido um capitão de uma das companhias do batalhão 512 e ferido o 2º comandante deste batalhão.

Nas regiões centrais as informações que me chegam recentemente dão conta de grandes operações de envergadura do inimigo durante os meses de Julho, Agosto e Setembro. Nestas operações o inimigo tem utilizado bombardeamentos terrestres, essencialmente de morteiros, para apoiar os seus efectivos em operações contra a guerrilha. O inimigo buscava nessas operações militares a exterminação total dos guerrilheiros e apostava decididamente nisso.

Para avaliar a intensidade das operações militares do inimigo, devo informar o seguinte: nos finais de Julho, a 24 do mês, somente num dia houve 5 combates sucessivos feitos por um grupo de guerrilha dentro da zona de operações do inimigo. Nestes combates tombaram 3 guerrilheiros, dois gravemente feridos. De entre os tombados regista-se a morte de um quadro político. Estas operações tiveram lugar nas áreas de S??? e Ma??.

Em Agosto, nas áreas entre Su???, Ma???, Na???, U????? e F????, houve várias acções de flagelação dos guerrilheiros naquela faixa de terreno contra as forças inimigas em operações militares de batida. Nestas acções

militares durante todo o mês os guerrilheiros conseguiram abater 15 soldados indonésios e ferido mais de 10 soldados inimigos.

No leste da RMC também houve acções militares dos guerrilheiros. No dia 25 de Agosto houve um combate na localidade de U???, área pertencente à vila de Viqueque, localizada a Oeste desta mesma vila a uns 5 a 10 Km aproximadamente. Como resultado deste combate foi abatido um soldado do batalhão 405. No dia 5 de Setembro, dois grupos de guerrilha realizaram uma operação de sabotagem em Bu???, localidade situada a Sul do posto de Lacluta mas porque o inimigo ofereceu resistência não foi possível a realização do objectivo. Em retaliação à citada operação de sabotagem o inimigo lançou uma operação de perseguição aos guerrilheiros onde no dia 3 de Setembro o inimigo numa emboscada feita nas áreas de Aitana no local de Fato?, situado a Norte da vila de Lacluta, o inimigo abateu um guerrilheiro e feriu um outro, tendo capturado um carregador da metralhadora E??? com 30 balas e uma granada. No dia 26 de Setembro o inimigo desencadeou uma grande operação sobre as áreas de Viqueque, localizada entre a estrada Viqueque-Oasu(???). Participaram nesta operação as forças do batalhão 405 e 501 apoiados pelo ????? e as forças ???? conhecidas por ????. No dia 5 de Outubro um grupo de guerrilheiros da unidade 2 que actua na faixa leste da Região Militar Central conseguiu abater 2 soldados do ?????? e 4 militarizazi(???), conhecidos por espiões.

Lá para os lados da fronteira sul também se registou operações militares de guerrilha. Por exemplo em 5 de Agosto nas áreas de ????? local situado a SE da vila de Ainaro os guerrilheiros abateram numa acção de flagelação 3 soldados indonésios. Em 24 do mês numa outra acção de flagelação os guerrilheiros do destacamento de guerrilha de La???? conseguiram abater 2 soldados indonésios nas áreas de ????. Em 5 de Setembro num encontro súbito nas áreas de E???? os guerrilheiros abateram 2 soldados indonésios. Em 30 de Setembro num contra-ataque ao ataque do inimigo os guerrilheiros abateram 5 soldados indonésios e feriram outros 2. Pelo lado da guerrilha tombaram dois guerrilheiros e outros dois ficaram feridos tendo perdido 2 armas.

Na fronteira norte em 7 de Julho num combate nocturno na ribeira de Ma????, que corre entre ????? e A????, os guerrilheiros abateram dois soldados indonésios e feriram outros dois. Neste combate foi abatido um comandante do pelotão de uma das companhias do batalhão 726 colocado nesta fronteira. Em 9 de Julho nas áreas de A???? na localidade ????? em resposta ao ataque do inimigo os guerrilheiros abateram 4 soldados inimigos que avançavam sobre o estacionamento da guerrilha. Os corpos dos soldados indonésios foram transportados de novo para a vila de Atolia??. Em 11 de Julho também nas áreas de Atolia??, nas proximidades da localidade de ??????, o inimigo atacou os guerrilheiros no estacionamento onde foi atingido um comandante de grupo de nome Kake. Em Setembro, nas áreas de K????-Maliana os guerrilheiros mataram com arma branca, flecha, um soldado indonésio e feriram outro. São essas as operações militares que os guerrilheiros efectuaram durante os meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro em todo o território nacional.

5ª pergunta: Existe a ideia de que a resistência ao invasor consiste mais em manter a cultura timorense e rejeitar a Indonésia do que nas acções de guerrilha. Concorda com esta ideia?

Rejeito essa ideia por completo. Há 18 anos que as forças invasoras indonésias vêm realizando uma intensa e ininterrupta actividade militar sobre as gloriosíssimas Falintil e há 18 anos também que as criminosas forças de ocupação indonésias vêm exercendo uma brutal repressão sobre o nosso povo. Uma repressão que actuou profundamente na consciência do nosso povo subjugado, oprimido e maltratado e no pensamento de querermos ser livres e independentes.

Fazem 18 anos difíceis de resistência onde se acentuam na verdade a nossa fragilidade e a nossa pequenez ante o inimigo poderoso e arrogante mas também são 18 anos consecutivos de resistência de todo um povo, são 18 anos consecutivos em que o povo maubere deu vastas provas do seu elevado patriotismo, deu sobejas provas da sua inquebrantável determinação, de firmeza de princípios que sempre o nortearam nesta heróica resistência. Ao longo destes 18 difíceis anos de resistência na verdade muitos estão desmoralizados, vencidos pelas dificuldades, há pessoas e até mesmo alguns antigos líderes da resistência que preferem hoje ser objecto de manipulação dos governantes indonésios, aceitam ser instrumentalizados pelo ocupante vendendo a alma em troca de rupias e tentam ou procuram defender uma identidade qualquer e apregoar que o povo sofre , que o povo morre por causa da guerra. E assim, vão mascarando as suas fraquezas, vão mascarando o seu enfraquecimento moral e escudando-se por detrás da sua cobardia para se afastarem definitivamente ou gradualmente do imenso mar de suor, de lágrimas, que afunda o Povo Maubere. A história provou e a história vai provar isso, há-de provar.

Há 18 anos consecutivos que o povo de Timor Leste vem oferecendo uma tenaz e heróica resistência pela identificação de si mesmo como povo, como um povo que tem uma Pátria, como um povo que tem a sua identidade genuína no plano político, histórico, étnico e cultural, e religioso também. E na luta pela preservação dessa identidade maubere é que o povo de Timor Leste vem buscando todas as formas para resistir à ocupação e libertar-se da dominação colonial indonésia resistindo no plano político, diplomático, cultural, social, religioso e militar, constituindo a Luta Armada a expressão mais forte, mais violenta da resistência(?) do nosso povo à ocupação indonésia. Se bem que nós reconhecemos que foi a resistência do nosso povo, dos nossos compatriotas na frente clandestina, dos jovens timorenses que souberam dar o seu sangue à nossa Pátria, que souberam sofrer e continuar a lutar sem desanimar, que permitiu que a questão de Timor Leste continuasse na agenda da ONU, que Timor Leste continuasse a figurar na lista de descolonização da ONU e levar Portugal a assumir com maior firmeza as suas responsabilidades, levar os nossos amigos e apoiantes a continuarem firmes a apoiar-nos. Vitórias essas que também reflectem o esforço, a perseverança e a acção diplomática da nossa frente externa e de outros irmãos no Exterior. Devemos, todavia, saber reconhecer que sem uma resistência armada activa no interior da Pátria não teria sido possível alcançarmos todas estas vitórias da nossa luta ou então teria sido extremamente difícil alcançarmos estas vitórias da nossa luta. Sem a acção da guerrilha nunca teria sido possível a reorganização da luta da ????? da destruição inimiga nos anos 78/79. Sem a acção da direcção da resistência armada e das Falintil nunca teria sido possível a construção e consolidação da unidade do povo de Timor Leste na luta pela conquista das suas liberdades, de viver como Povo na sua Pátria. Sem a persistente acção da guerrilha e da sua direcção não teria sido possível hoje a reorganização da Resistência depois da captura dos nossos líderes máximos. Há pessoas, até mesmo antigos líderes timorenses, defensores de teses independentistas que não reconhecem a existência da guerrilha e da sua direcção e comparam a actual situação aos anos críticos de 78/79. Não sabemos o que no fundo esses indivíduos querem. Espero que não estejam virando a casaca, espero que não estejam vendendo a alma ao

diabo ou em troca de rupias. Mas uma coisa é certa: negar a existência da guerrilha nas montanhas da Pátria Timor Leste é passar por cima dos cadáveres dos guerrilheiros tombados; negar a existência da guerrilha é insultar o sangue derramado nos sacrifícios consentidos e os cadáveres sem campa dos guerrilheiros que diariamente tombam nos campos de batalha. Negar a existência da guerrilha é trair a luta do povo timorense porque a luta armada é a expressão mais violenta da resistência(?) do povo de Timor Leste à ocupação indonésia.

6ª pergunta: O governo indonésio tem anunciado nos últimos meses a detenção e rendição de dezenas de guerrilheiros. Confirma essa notícia?

Não. Não é a primeira vez que Jacarta faz essas propagandas sensacionais tendentes a minimizar a resistência e mostrar a sua superioridade, a superioridade inimiga em todos os planos e mostrar também a imagem daqueles guerrilheiros, de que a rendição dos guerrilheiros tem os dias contados. Jacarta aproveitando-se da captura dos nossos líderes máximos pretende aparentar uma situação caótica da guerrilha como consequência da situação que resultou da captura sucessiva dos líderes máximos da resistência. Tudo isso não passa de propaganda e vou aqui desmentir toda essa propaganda mentirosa, falaciosa dos ocupantes da nossa Pátria.

Em 1º lugar os indonésios pensavam, estavam seguros de que com a captura dos líderes máximos da resistência, em particular do nosso líder o comandante Xanana Gusmão, os guerrilheiros se rendiriam inevitavelmente tal como aconteceu nos anos 71 e 79 após a captura do saudoso presidente Nicolau Lobato onde se registaram rendições de quadros superiores, membros do comité central da FRETILIN e guerrilheiros em massa. Após a captura dos nossos líderes máximos houve, como é natural, um ou outro guerrilheiro capturado, um ou outro guerrilheiro rendido, mas nunca uma rendição em massa ao nível de dezenas ou centenas como os indonésios pretendem fazer crer. Quero esclarecer que lá para os lados de Ainaro e também em Same houve alguns guerrilheiros rendidos. É verdade, e não ultrapassou o núnero de 4 elementos em Same dos quais dois são velhos, um mutilado e um outro doente. É resultado da grande ofensiva do inimigo realizada após a captura dos nossos dois comandantes Xanana Gusmão e Ma'Huno. Quero recordar aqui que foi em Ainaro que Xanana Gusmão seguiu para Dili. Quero recordar também que foi em Same que se reuniu adirecção da luta antes da captura de Xanana Gusmão. Quero recordar também que foi em Ainaro que foi capturado o líder substituto de Xanana Gusmão e o inimigo sabia também que era na área de Ainaro e Same que eu me encontrava. Foi por isso mesmo que o inimigo procurou a todo o custo para me capturar, vivo ou morto, a fim de fracassar a resistência.

De lá para a fronteira norte essencialmente em Atulia? ou ???? foram capturados vários jovens que passaram para a clandestinidade por causa da perseguição inimiga. Esses jovens capturados eram dados como guerrilheiros rendidos e serviam de publicidade nos meios de comunicação indonésios, nos jornais, na rádio e na televisão.

Nas regiões Central e na Ponta Leste não houve nenhum guerrilheiro rendido mas houve guerrilheiros capturados em combate depois de terem sido atingidos ou cercados como consequência da grande ofensiva militar do inimigo que se seguiu à captura dos nossos líderes máximos destinado a produzir efeitos desmoralizadores e provocar a rendição de guerrilheiros.

Quanto à rendição de guerrilheiros devo esclarecer uma coisa: aqui, na guerrilha de Timor Leste, nas condições específicas em que a guerrilha de Timor Leste se desenvolve, a rendição de um guerrilheiro é, na maioria dos casos, ou em vários casos, vista como uma exigência da nossa própria luta pela necessidade de salvaguardar as actividades da luta e garantir a continuidade da resistência no futuro. E os guerrilheiros estão conscientes disso, aceitam esses sacrifícios como uma exigência da nossa própria luta e sabem também que lá onde estiverem aí existe luta e nela participarão sob todas as formas ao seu alcance para libertar a Pátria da ocupação indonésia. É essa a realidade específica da nossa guerra, da guerra de guerrilhas em Timor Leste. Aliás a captura ou a rendição dos guerrilheiros não é uma novidade pois ao largo dos últimos 18 anos, e em especial desde há uns tempos para cá, que se tem verificado a captura de guerrilheiros em combate, se tem verificado rendições e esses guerrilheiros capturados ou rendidos por razões diversas participam na luta nas condições em que se encontram e quando são chamados regressam ao mato. Nos levantamentos de 83, por exemplo, a maioria ou a totalidade dos guerrilheiros saídos eram ex-combatentes das Falintil, das bases de apoio ou eram guerrilheiros das Falintil capturados em 80, 81 e 82 ou eram elementos populares das bases de apoio. Portanto, volto a afirmar que em Timor Leste a rendição de um guerrilheiro é, na maioria dos casos, vista como uma exigência da nossa própria luta, pela necessidade de garantir a longo prazo a continuidade da resistência.

Quero recordar também que se houve rendições tão formalmente propaladas pela Indonésia, amplamente divulgadas pelos meios de comunicação indonésios também houve levantamentos populares que a Indonésia nem sequer mencionou, como os levantamentos de Kailaco?, Atulia?, Maliane?, Atsabe? antes e depois da captura dos nossos líderes máximos. Os levantamentos de Atulia? e Kailaco? tiveram lugar após o massacre de Santa Cruz. Os levantamentos de Atsabe? tiveram lugar em Janeiro de 1993 depois da captura do comandante Xanana Gusmão.

7ª pergunta: Quantos soldados indonésios foram abatidos pela guerrilha desde o início da resistência? E quantas baixas sofreu a guerrilha?

É difícil fornecer uma estatística exacta dos soldados indonésios abatidos na nossa Pátria pelos guerrilheiros durante todo o período de invasão e ocupação militar indonésia. Mas posso dar uma apreciação estimativa ou aproximada do número de soldados indonésios abatidos durante o período da invasão e ocupação indonésia, de 7 de Dezembro até à data e durante este período posso afirmar que foram abatidos cerca de 30 a 35 mil soldados indonésios e uns tantos milhares mutilados e feridos. São apenas cálculos estimativos porque não possuo dados objectivos, estatísticas correctas. Do lado da guerrilha estima-se que mais de 10 mil guerrilheiros terão perecido em combate ou capturados pelo inimigo.

8ª pergunta: A prisão do comandante Xanana Gusmão e do seu sucessor Ma'Huno enfraqueceu moral e militarmente a Resistência?

Foi na verdade um durissimo golpe para toda a Resistência a captura sucessiva dos nosso líderes máximos nomeadamente o comandante Xanana Gusmão e Ma´Huno. Todavia, embora sentíssemos enormemente a sua falta na Luta não enfraqueceu nem moral nem militarmente a Resistência. Continuamos firmemente determinados a resistir e a aceitar todas as consequências da nossa acção. Nós todos continuamos a levar avante a obra deixada pelos líderes máximos cumprindo continuamente o nosso dever de morrer pela libertação da nossa Pátria. Nós todos que estamos na Resistência Armada, a Direcção e as gloriosas Falintil, nós todos sabemos que morrem as pessoas mas não morre o seu pensamento. Estamos conscientes também de que é um dever sagrado, é uma obrigação, darmos continuidade à obra deixada pelos que foram vítimas do agressor, os vivos nas prisões e os mortos. Aliás a própria captura dos nossos líderes, em particular a de Xanana Gusmão, toda a campanha de humilhação que a Indonésia veio desenvolvendo em torno do nosso líder e a própria situação em que se encontra o nosso líder, são motivos que nos levaram a não vergarmos à pressão psicológica do ocupante, antes pelo contrário, todos nós jurámos vingar a captura dos nossos líderes, a morte dos nossos companheiros, o sacrifício e o sofrimento consentidos pelo nosso povo, continuar a resistir de armas em punho nas montanhas da nossa Pátria, este pedaço de terra que é a sagrada herança deixada pelos nossos ancestrais.

No plano militar desde 78 que éramos 50 fugitivos, hoje com as derrotas que sofremos ou que temos vindo a sofrer desde 79 para cá pensamos que já não cheguamos aos 50 fugitivos iniciais. Mas ainda existimos. Devo informar que, apesar da captura dos nossos líderes máximos, mais guerrilheiros se evadiram para o mato. Como já havia dito atrás, lá para a fronteira norte em Atolia(?), Kailaco(?) e Atsabe? houve levantamentos populares.

O nosso problema é somente de armas. Havendo armas, homens temos a mais para fazer a guerra, temos a juventude timorense que constitui hoje a força de reserva das Falintil, esta juventude está pronta a subir às montanhas. As Falintil possuem uma grande capacidade de renovação de si mesmas porque a sua raiz é o Povo Maubere e a razão de ser são as legítimas e profundas aspirações do nosso povo.

9ª pergunta: Quantos efectivos tem a Resistência e qual a área que controla militarmente?

Desde 79 que os militares indonésios diziam que éramos apenas uns 50 fugitivos que fugíamos de um lado para o outro com medo da morte. Hoje, depois de 14 anos a contar desde 79 para cá, pensamos que já não atingimos os 50 fugitivos iniciais, mas ainda existimos. Estamos em todo Timor Leste: nos matos, nas montanhas, nas planícies e nas aldeias do nosso país. Se até 91, há 2 anos atrás portanto, os 50 fugitivos actuavam desde Atuala até à fronteira Sul somente?, hoje eu devo afirmar que os guerrilheiros das Falintil actuam em todo o território nacional, com os levantamentos populares de 91 e 93 em Kailaco?, Atulia? e Atsabe?, a guerrilha em Timor Leste actua hoje em todo o território nacional mesmo nas zonas onde a presença da guerrilha já não se fazia sentir desde as bases de apoio. Abrimos mais uma nova frente de combate, abrimos mais uma nova frente de luta armada na ex-fronteira norte. Actuamos hoje também em Atabai? e Balibó.

10ª pergunta: Os guerrilheiros continuam a sentir que têm o apoio do povo timorense? Têm receio de ser denunciados por timorenses?

Eu creio que a propaganda indonésia desenvolvida após a captura dos líderes máximos teve os seus reflexos no pensar e no agir das pessoas e muita gente neste mundo foi levada a crer que o povo de Timor Leste deixou de apoiar a guerrilha, que os guerrilheiros em Timor Leste se sentem acossados por causa das denúncias da população. Esta é a oportunidade soberana para vir aqui publicamente provar a verdade da situação. A captura dos nossos líderes máximos não significou de forma nenhuma o fim do apoio popular à guerrilha. Continuamos a receber o apoio popular, não temos medo do nosso povo porque a nossa raiz é o nosso povo e a nossa razão de ser são as legítimas e profundas aspirações do nosso povo. Em qualquer luta há de tudo: há traições, há manobras, há os infiltrados, há os espiões, há os oportunistas, pois cada parte beligerante procura fazer tudo o que pode para derrotar a oura parte e no nosso caso a Indonésia procura fazer tudo, procura aproveitar tudo, procura explorar tudo, para fazer fracassar a nossa Resistência. A cobardia, a infidelidade, a traição constituem a outra face ou o outro aspecto da medalha da resistência de qualquer povo em luta. Eu creio que a PIDE portuguesa nunca teria conseguido assassinar Amílcar Cabral, o líder histórico do PAIGC, se não houvesse fugas de informações nas próprias fileiras do PAIGC. Amílcar Cabral foi assassinado mas a luta do povo guineense continuou e o povo da Guiné Bissau conseguiu a sua independência derrotando o colonialismo português. Se o histórico líder Amílcar Cabral que lutava em condições totalmente diferentes à nossa, recebendo apoio dos países vizinhos, que até serviam de retaguarda, ainda foi traído, julgo que em Timor Leste actos deste género são inevitáveis, tanto mais quando temos em conta a ferocidade monstruosa do regime militar indonésio que utiliza a violência para arrancar da boca das suas vítimas informações para os seus fins perseguidos. Mas também devo ressaltar que se depois de 14 anos de busca intensa do exército ocupante para eliminar fisicamente ou capturar o nosso líder, o comandante Xanana Gusmão, esse facto em si revela tão somente também que o povo de Timor Leste apoia a guerrilha.

Em todo o lado há timorenses que já têm ideias claras sobre a resistência mas também há timorenses que têm as mentes carcomidas pelas rupias, que preferem vergar-se(?) com o domínio(?) indonésio traindo o sangue generoso dos seus irmãos. Há timorenses que colaboram com o inimigo e há timorenses que são forçados a colaborar com o inimigo. Xanana Gusmão e Ma'Huno foram capturados mas um ano depois podemos provar que a luta em Timor Leste tem as suas raízes tão profundas como são profundas as raízes de Ramelau e Matebian.

Devo aproveitar a oportunidade para informar também que após a captura dos nossos líderes máximos o nosso povo, os guerrilheiros, sentiram cada vez mais a necessidade de se unirem, de conjugar os seus esforços para poderem libertar a sua Pátria da ocupação indonésia e o seu líder das masmorras do colonialismo. Em todo o lado as nossas populações pedem para termos cuidado com nós mesmos, oferecem-nos refúgio porque sabem que já somos poucos mas apesar de poucos somos a sua esperança, as nossas mortes constituem a esperança do nosso povo de um dia viver livre e independente. Hoje a guerrilha tem a sua presença em zonas que anteriormente eram consideradas hostis.

11ª pergunta: A Indonésia anunciou alguns meses a redução dos efectivos militares no território. Confirma essa redução?

Não. Os indonésios fazem muito barulho, dizem tudo para impressionar as pessoas. Tudo o que os indonésios dizem visa alcançar os objectivos fixados. Já no passado os indonésios procuraram legitimar a ocupação, a sua ocupação em Timor Leste pelo progresso porque o progresso para além de satisfazer as necessidades da população com casas, escolas, reservatórios de água potável, etc, etc, indicava, por outro lado, a ausência da Resistência no terreno. Hoje, para evitar a pressão internacional, para impressionar o mundo de que em Timor Leste já não existe Resistência a Indonésia vem propagandeando que vão reduzir, sublinho, que vão reduzir, os seus efectivos. Mas se a própria palavra reduzir indica por outro lado a existência da Resistência embora que em grau reduzido, os indonésios até nem mentir sabem. Na verdade embarcaram em Dili os batalhões 507 e 502 mas vieram em sua substituição os batalhões 516, 501 e 504. Portanto com isso está-se a verificar que na realidade não houve redução dos efectivos militares indonésios em Timor Leste, houve sim aumento de efectivos em todo o território de Timor Leste. Em todo o território de Timor Leste actuam 17 batalhões que a coberto das tarefas de construção de P???? vem desenvolvendo operações militares contra os guerrilheiros e colaboram com elementos da INTEL nas operações de rusga aos elementos perseguidos nas vilas. O número de batalhões que actuam no terreno em todo o território nacional são 17 e estão em Timor Leste os batalhões 112, 121, 125, 131, 405, 407, 412, 413, 516, 501, 504, 526, 621, 612 e 631. Sem contarmos com os famosos batalhões naturais 744 e 745. Para não falarmos dos kopasos, da kostrad?, da Linud? (paraquedistas), da Pr? (brigada móvel), dos militares A??, ???? de Viqueque, ????? de Baucau ?????, ?????? etc, etc. Só em Dili estão 609 postos militares à volta da capital para assegura-lo(?). Em todos os bairros existem forças para acompanhar os passos e os movimentos dos jovens e em especial da população desconfiada.

Portanto, não é verdade que houve redução de efectivos militares em Timor Leste. Os próprios oficiais indonésios confirmam isso e asseguro que não vão reduzir os seus efectivos porque a Resistência em Timor Leste mantém-se viva e activa. Mas se reduzirem, o que eu não acredito, as Falintil terão a oportunidade de aniquilar mais soldados indonésios e recuperar o seu armamento, o que provocará um desequilíbrio de forças no terreno desfavorável à Indonésia e é por isso que Jacarta não reduzirá as suas forças em Timor Leste embora tivesse feito muito barulho.

A solução do problema de Timor Leste não pode buscar-se na redução dos efectivos indonésios ou na exterminação total da Falintil. Em Timor Leste é todo um povo que resiste à ocupação indonésia. A solução do problema de Timor Leste busca-se no respeito pelo direito do seu povo à auto-determinação e não pela redução das forças indonésias.

12ª pergunta: O povo e a resistência timorense sentem-se apoiados pela Igreja Católica?

A Igreja Católica em Timor Leste trabalha pela verdade, trabalha pelo direito da pessoa humana, trabalha pela justiça. A Igreja Católica em Timor Leste tem sido, nos períodos mais críticos e difíceis da nossa luta, o grande suporte moral do nosso povo na sua luta pela paz, pela justiça, pela liberdade e pela independência nacional. Nós continuamos a receber o calor do apoio moral da Igreja em Timor Leste. A Igreja Católica em Timor Leste está

solidária com o sofrimento do povo maubere, dos guerrilheiros nas montanhas da Pátria e, dentro do humanismo cristão, estão estabelecidas sólidas relações de cooperação com a resistência timorense na denúncia constante das abusivas violações dos Direitos Humanos em Timor Leste e na defesa dos direitos fundamentais do povo de Timor Leste.

Na difícil situação que se seguiu à captura dos nossos líderes máximos muitos padres meus irmãos escreveram-me encorajando e exigindo que assumisse a liderança da luta, que organiza-se a luta e a resistência, tendo-me apoiado nesse aspecto. O clero em Timor Leste, os padres naturais, as madres e todos os religiosos apoiam a nossa luta com excepção de um e outro padre que não ultrapassa os dedos do palmo da minha mão.

13ª pergunta: Como classifica a actuação do Monsenhor D. Ximenes Belo?

D. Ximenes Belo não é uma pessoa livre. Afirmo isso com convicção. Está sob pressão constante, e de toda a ordem, do inimigo. Importa recordar as suas afirmações em Fatumaca(?) quando se encontrou com o nosso líder máximo, o comandante das Falintil Xanana Gusmão, onde dizia que nós lá dentro estamos totalmente absorvidos. D. Ximenes Belo tem sofrido pressões de toda a ordem mas, apesar disso, D. Ximenes Belo tem sabido defender os direitos do povo de Timor Leste quando propõe a realização do referendum para a solução definitiva da questão timorense, proposta que até à actual data se mantém actualizada.

A política do Vaticano em relação a Timor Leste tem sido uma política de interesses com a Indonésia. O novo núncio, o monsenhor Petro Samba(?), mostra-se claramente pró-Indonésia, pró-integracionista e isso tem os seus reflexos na actuação de D. Ximenes Belo. Devo recordar também que o fantoche, o governador(?) Abílio Osório até proferiu ameaças públicas ao nosso bispo D. Ximenes Belo quando este estava defendendo a verdade e desmascarando ao mundo a mentira da Indonésia. D. Ximenes Belo tem-se destacado na defesa dos direitos humanos fundamentais do povo timorense e em Timor Leste posicionar-se na defesa dos Direitos Humanos é defender o direito do nosso povo à auto-determinação e independência nacional porque a violação dos Direitos Humanos em Timor Leste tem como causa fundamental a contínua resistência do nosso povo à ocupação ilegal indonésia.

Nós reconhecemos o papel histórico da Igreja Católica e reconhecemos a grande influência que a Igreja de Timor Leste desempenha na vida política actual de Timor Leste.

Nesta linha de pensamento e retirando o pensamento expresso de representantes timorenses na concepção do senhor secretário geral da ONU, Dr. Boutros Ghali, nós reafirmamos que o envolvimento de D. Ximenes Belo, o nosso respeitável bispo, no diálogo sem pré-condições patrocinado pela ONU, proposto pelo CNRM e por Portugal, é um imperativo, repito é um imperativo, na busca de uma paz justa e duradoura para Timor Leste.

14ª pergunta: E como comenta as posições do Papa João Paulo II sobre Timor Leste?

A posição de Sua Santidade o Papa João Paulo II sobre Timor Leste está bem clara. Sua Santidade tem mantido a atitude de defender os direitos dos povos. No caso específico de Timor Leste, Sua Santidade nunca revelou, em circunstância alguma, algum gesto que pudesse ser interpretado como sinal de reconhecimento da soberania indonésia sobre Timor Leste. Desde a sua última visita a Timor Leste que Sua Santidade se tem mantido sensível aos horrores de crime e de injustiça que sofre o povo cristão de Timor Leste. Ainda recentemente quando peregrinos escolhidos pela Indonésia em peregrinação a Lourdes, e passando por Roma, levaram consigo bandeiras da Indonésia, Sua Santidade o santo padre ao recebe-los no salão de visitas não manifestou nenhum gesto que pudesse ser interpretado como reconhecimento da soberania sobre Timor Leste.

Penso ser necessário também fazer uma distrinça entre a posição de Sua Santidade e a do Vaticano: a do Vaticano seria uma política de interesses. Os bilhões e bilhões de rupias que recebe da Indonésia faz a política do Vaticano nada evangélica. Basta recordar a afirmação do padre Robert Tucci, encarregado dos preparativos das viagens de Sua Santidade, que afirmava nestes termos "que vale", quando se referia a Timor Leste, " 400 mil almas para uma comunidade inteira". Portanto, a política do Vaticano é uma política de dinheiro, uma política de interesses, pois que menospreza o Povo e a Igreja de Timor considerando o povo de Timor Leste como um povo pequeno cujos interesses não devem ser atendidos. É uma política nada evangélica mas é essa a política do Vaticano. Mas pensamos também que Sua Santidade, na qualidade de chefe da Igreja Mundial e, em defesa da verdade e do direito da pessoa humana, devia tomar uma posição mais clara de condenação à Indonésia pelos crimes e pelos horrores cometidos em Timor Leste exigindo a retirada das tropas indonésias como assim o fez na Polónia, por exemplo.

15ª pergunta: Mais de um ano depois da eleição de Bill Clinton considera que há mudanças significativas na política norte-americana relativamente à Indonésia e a Timor Leste?

Sim. Verificam-se mudanças consideráveis na política do governo democrático do presidente Bill Clinton relativamente à Indonésia e a Timor Leste. A suspensão do programa de treinamento a oficiais indonésios decidida pelo Congresso em Dezembro do ano passado foi o primeiro passo.

Aquando da vinda do presidente Bill Clinton ao Japão tendo sido portador de uma carta de quase metade do Senado americano para o presidente Suharto exigindo o respeito pelo direito à auto-determinação do povo de Timor Leste e apesar da agenda sobrecarregada do presidente Bill Clinton este ter incluído na sua agenda a questão de Timor Leste ao avistar-se com o presidente indonésio Suharto foram factos que revelam mudanças significativas de postura.

A proibição da venda de aviões e o congelamento do apoio militar à Indonésia e ainda a ameaça de imposição de sanções mais severas no próximo mês de Janeiro caso não forem satisfeitas as exigências apresentadas pelo Congresso e Senado americano provam na prática mudanças significativas na política do governo americano relativamente à Indonésia e a Timor Leste.

Aproveito a oportunidade para manifestar em nome do povo mártir de Timor Leste o nosso mais sincero agradecimento pela generosa preocupação da administração americana e em especial do sr. presidente Bill Clinton pela atenção sem precedentes na história dos 18 anos de invasão e ocupação indonésia a Timor Leste.

Existe uma conjuntura favorável nos Estados Unidos da América relativamente à questão timorense. Há uma grande simpatia do Congresso norte-americano em relação à questão timorense. Há também muita simpatia do Senado e uma certa simpatia da Casa Branca com relação à causa timorense. A América é hoje a maior potência e em cujas mãos tem o destino do mundo. No passado foram os Estados Unidos da América que deram luz verde ao regime militar indonésio para invadir e ocupar Timor Leste impondo ao mártir povo de Timor Leste esta tragédia humana que até aqui ninguém conseguiu por fim. Hoje pensamos que a chave do problema de Timor Leste está nas mãos da Indonésia.

Apelo por isso mesmo ao governo dos Estados Unidos da América para continuar a considerar que o problema de Timor Leste é uma questão essencialmente política de conclusão de um processo de descolonização, pelo exercício do direito à autodeterminação do seu povo, processo que foi interrompido pela invasão e ocupação militar indonésia desde Dezembro de 1975 anexando pela força Timor Leste e que enquanto não for dada a oportunidade ao povo do território de escolher livremente o seu futuro político os massacres, as torturas, os maus tratos, as arbitrariedades, o crime, o terror, a injustiça e a brutalidade das armas persistirão em Timor Leste como a lei da razão porque o povo de Timor Leste persistirá também na resistência à ocupação da qual a violação dos Direitos Humanos constitui a sua característica fundamental.

Apelo aos legisladores e parlamentares norte-americanos, ao congressistas e senadores para continuarem a sensibilizar-se com os contínuos sofrimentos do martirizado povo de Timor Leste e pressionar Jacarta pelos meios legais para que este se decida a respeitar os princípios universais do Direito Internacional que assistem ao povo de Timor Leste.

Apelo ao povo norte-americano para que guiado pelos princípios da paz, justiça e liberdade se solidarizem com o martirizado povo timorense que apesar de pequeno e fraco ousa lutar contra o regime militar assassino da escumalha sanguinária dos generais (???) de Jacarta pela conquista dos direitos fundamentais de viver como povo e como ser humano dentro da comunidade do mundo livre dando assim o seu mais modesto contributo para a consolidação da paz, da liberdade dos povos e nações do mundo.

Apelo à grande imprensa americana para continuar a dar a maior cobertura necessária à situação de Timor Leste agitando e sensibilizando a opinião pública americana com relação ao insuportável (aumento?) de terror e de infâmia que vive o martirizado povo de Timor Leste pressionando os seus governos para exigirem da Indonésia o respeito pelas sucessivas resoluções da ONU e pelos princípios de Direito Internacional e que a Indonésia sendo um dos membros da ONU deve comprometer-se perante a Comunidade Internacional que respeita e contribui para que o Direito Internacional não seja letra morta.

16ª pergunta: Acha que na questão de Timor Leste as Nações Unidas têm cumprido a sua missão?

É lamentável que 18 anos depois de um complot internacional para assassinar o nosso povo ainda se pergunta se a ONU fez algo por Timor Leste. A ONU contribuiu com o seu desinteresse para a exterminação do nosso povo. O preço da anexação forçada de Timor Leste é arrepiante: mais de 200 mil vidas foram ceifadas ao longo destes 18 anos de invasão e ocupação militar indonésia a Timor Leste, mais de um terço da população timorense teve que pagar a sua recusa ao novo colonialista ante a indiferença da ONU. A ONU ou esteve impotente ou sob o peso dos interesses dos poderosos não foi capaz de materializar as suas sucessivas resoluções concernentes a Timor Leste. Hoje penso estar mais convencido de que o peso dos interesses foram a causa da impotência da ONU, uma impotência que permitiu à Indonésia como país membro de espezinhar os princípios fundamentais do Direito Internacional que deram corpo à Carta da Nações Unidas, uma impotência que criou um precedente grave de violação do Direito Internacional, precedente esse que permitiu ao ditador Sadam Hussein de utilizar como argumento para invadir o Kuwait.

O problema de Timor Leste é uma questão de responsabilidade da Comunidade Internacional, é uma questão de Direito Internacional, é um caso onde estão comprometidos os princípios internacionais, um caso em que os poderosos deste mundo manipularam as normas da descolonização, um caso que a Indonésia permaneceu desafiando ao longo destes 18 anos de ocupação a própria ONU e é uma questão que portanto prevalece demonstrando que a Indonésia continua desrespeitando as sucessivas resoluções da ONU.

Na verdade Timor Leste é uma gotinha de água no oceano dos grandes interesses dos poderosos. Daqui se compreende que 18 anos depois da invasão nenhuma solução da ONU ainda pudesse forçar a Indonésia a retirar-se de Timor Leste permitindo ao povo de Timor Leste a realização dos direitos mais fundamentais: o direito à autodeterminação e independência nacional.

Se não é como é que se compreende a resposta imediata da ONU à invasão iraquiana ao Kuwait, como é que se compreende a intervenção da ONU no Camboja, na Somália e muito recentemente.....